



Zaia Brandão

Educação básica

“Há dispersão de recursos”

A professora Zaia Brandão, dos cursos de graduação e pós-graduação da PUC e da UFRJ, gostaria de ver num programa de educação objetivos definidos, como o estabelecimento de um piso salarial para o professor de 1º grau, com o compromisso do governo de repassar recursos para este fim. “Esse tipo de definição clara, objetiva não existe no plano do governo”, diz ela. Zaia explica que ainda fará análise mais aprofundada do texto mas, de antemão, muitas dúvidas já apareceram.

“Qual foi o critério, por exemplo, para se estabelecer a construção de 17.600 classes de pré-escola, sendo 1.056 no Norte?”, quer saber. “Se o critério foi o número de pessoas que precisam ser atendidas, é equivocado. Os custos são diferentes em cada região e dez alunos no Norte podem consumir uma verba diferente da que consumiriam dez alunos no Sul”, explica.

Ela ressalta que as cifras que aparecem no plano detalhadas — e não em números redondos — fazem supor que foram fruto de cálculos cuidadosos. “Como chegaram a esses números? Queremos conhecer esses critérios. Lendo o texto, ficamos sem saber se o número de salas que querem construir é grande ou pequeno, se o material escolar que querem distribuir é suficiente, ou o que eles entendem por *beneficiar* esta ou aquela faixa de ensino”.

Para Zaia, o plano distancia-se muito do que se propõe na sua apresentação — a prioridade à educação básica. “Enfatiza-se a escola técnica, a escola agrotécnica, a educação especial, o sistema de ensino à distância, quando o remédio para o caos em que está esse país é a educação de 1ª a 4ª séries”, afirma.